



## VI Simpósio Nacional de **HISTÓRIA CULTURAL** Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

### **IMAGENS DO FRONT: CANUDOS E CONTESTADO E A FOTOGRAFIA DE GUERRA**

Rogério Rosa Rodrigues\*

1

#### **A GUERRA NOS SERTÕES**

Entre 1912 e 1916, o conflito denominado Guerra do Contestado se estendeu por uma área de aproximadamente 28 mil quilômetros quadrados e mobilizou mais de 20 mil pessoas.<sup>1</sup> Ele tinha como meta inicial celebrar a memória e a crença no retorno de um homem conhecido como monge João Maria, mas com as investidas oficiais de repressão, o movimento religioso ganhou contornos políticos. Aos poucos os fiéis reivindicavam decisão sobre o arbitramento judicial que definia os limites territoriais entre os Estados do Paraná e de Santa Catarina, títulos de propriedade para famílias despossuídas de suas terras pela ganância dos coronéis locais, expulsão de uma madeireira internacional estabelecida na região e até a deposição do presidente da república.<sup>2</sup>

---

\* Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: rogerclio@gmail.com

<sup>1</sup> O conflito ganhou esse título devido à disputa pela delimitação de fronteiras entre dois Estados situados no Sul do Brasil: Paraná e Santa Catarina. A região era rica em um dos principais produtos extrativistas do país, a erva-mate, além de ser alvo da exploração madeireira.

<sup>2</sup> Uma análise minuciosa e revisada dos desdobramentos da Guerra do Contestado pode ser encontrada em Machado, Paulo Pinheiro, *Lideranças do Contestado*, Campinas, SP: ED. UNICAMP, 2004.

Até o ano de 1914, a repressão ao movimento rebelde esteve sob a responsabilidade dos governos Estaduais, visto serem as lideranças locais as primeiras a pressentir o perigo que tal movimento poderia ocasionar nas relações de subordinação impostas aos habitantes da região há séculos. Em agosto de 1914, a intervenção do governo federal é solicitada para por fim ao conflito. O comando coube ao general Fernando Setembrino de Carvalho, homem de confiança do presidente da República, marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

Coerente com o projeto de reformas em curso nas forças armadas brasileira, Setembrino de Carvalho propôs a decretação de estado de guerra aos homens que a imprensa nacional vinha nominando de fanáticos do Contestado.<sup>3</sup> Atento à possibilidade de ser questionado se haveria necessidade de declarar guerra a cidadãos brasileiros, o comandante militar ressaltou que a medida se fazia necessária tendo em vista o fato de o conflito estender-se há dois anos, sem que os governos estaduais conseguissem solucionar o problema. Além disso, justificou, foi por iniciativa das lideranças locais o pedido de intervenção federal, o que comprovaria o reconhecimento de que as medidas tomadas até aquele momento não foram bem sucedidas. Por fim, acrescentou tratar-se de fanáticos, desordeiros e selvagens. Primeiro por professarem a crença em santos e monges e sacrificarem suas vidas e de suas famílias à espera do fim do mundo, segundo porque não obedeciam a ordens oficiais emanadas de instituições legais, e por fim, porque atacavam e matavam soldados da pátria que para a região se dirigiam para dispersar o movimento.

Ao chegar ao palco do conflito, em setembro de 1914, o comandante primeiro teve que silenciar os boatos que circulavam na imprensa. Os jornais do país recebiam cartas anônimas denunciando as péssimas condições das tropas estacionadas na região: falta de medicamentos, fardamento inadequado, soldos atrasados, tecnologia bélica defasada, homens mal preparados para a guerra. Dizia-se inclusive, que alguns soldados insatisfeitos com as condições militares desertavam e aderiam ao movimento rebelde, e que outros, embora permanecendo entre as forças oficiais, acabavam acreditando na intervenção mística dos santos na causa dos sertanejos.

---

<sup>3</sup> A crença dos rebeldes na ressurreição de João Maria e no fim do milênio de opressão conferiu a eles a fama de fanáticos. Os rituais e crenças dos sertanejos foram analisados por Monteiro, Duglas Teixeira, *errantes do novo século*, São Paulo: Duas Cidades, 1974.

Foram aproximadamente dois meses para regularizar a situação militar. O ministro da guerra liberou recursos vultosos para resolver as condições das tropas. Carvalho mobilizou para a região um terço do efetivo do exército, tecnologia bélica de ponta, além de contratar coronéis e jagunços como tropa paralela e como guia em meio ao território ermo do interior do Brasil que passou a ser designado como sertão do Contestado. Coube ao serviço de cartografia militar do exército elaborar as cartas geográficas da região, até então totalmente desconhecidas pelas autoridades brasileiras. Nesse sentido, as operações de guerra serviram para incorporar essa região aos limites do Estado Nacional, papel bem desempenhado pelos oficiais militares, desde a instauração do regime republicano no país como bem demonstrou Antonio Carlos de Souza Lima.<sup>4</sup>

Uma estratégia de guerra foi montada. O acesso à imprensa foi limitado. Os ataques foram efetuados e a carnificina começou. Enquanto marchavam para o palco do conflito, os militares ficaram surpresos com o número de pessoas ligadas ao movimento. Vilarejos com 5 mil e até 20 mil pessoas eram descobertos. No cerco efetuado pelas forças oficiais, homens, mulheres, crianças e idosos eram mortos. Os que combatiam, se capturados vivos, eram degolados à faca pelos jagunços a serviço do exército.

Em maio de 1915, o exército federal deixou a região do Contestado. O foco central da rebeldia fora derrubado. Comunidades inteiras foram destruídas, casebres queimados.

### **O ÁLBUM DA GUERRA**

Ao deixar o campo de batalha, em maio de 1915, o antigo comandante das operações militares teve que prestar contas de sua atuação no comando das ações de guerra. Setembrino de Carvalho construiu um minucioso relatório de mais de trezentas

---

<sup>4</sup> LIMA, Antonio Carlos de Souza Lima. *Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Ver também Maciel, Laura Antunes, *A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*, São Paulo: EDUC, 1998.

páginas que foi publicado pela imprensa oficial.<sup>5</sup> Nele, as fotografias ganharam espaço privilegiado. Parte delas já havia circulado na imprensa, além de acrescentada ao relatório entregue ao ministro da guerra. Ao serem incluídas nesse documento oficial, as imagens serviram para rebater as críticas dirigidas ao comandante enquanto atuou na repressão ao conflito e ao mesmo tempo para comprovar os feitos bélicos descritos no relatório. Além dos usos documentais da imagem, o acervo fotográfico das operações de guerra foi reunido em um álbum de fotografia e, atualmente, compõe o acervo documental do Arquivo Histórico do Exército, situado na cidade do Rio de Janeiro.

Intitulado álbum da Campanha do Contestado, contém 87 fotografias. Diante de uma guerra movida contra pessoas, em sua maioria pobres, sem instrução militar e prolongada por quatro anos, era de se esperar grandes manifestações de louvor pela vitória, tal como ocorreu com a tomada do arraial do Belo Monte, no sertão baiano em 1897. Nesta ocasião, os registros fotográficos efetuados por Flavio de Barros mostraram o cenário totalmente destruído, a litania de mulheres, crianças e idosos capturados e até o corpo com a cabeça de Antônio Conselheiro decapitada,<sup>6</sup> essa era a forma de comemorar a vitória das forças oficiais sobre os supostos bárbaros. No Contestado a comemoração ocorreu, mas não se faz notar no álbum de guerra. Não fosse o cenário do interior do Brasil que serviu de pano de fundo para as imagens, teríamos a impressão de tratar-se de uma parada militar. Em geral destaca-se a instrução das tropas, a logística da guerra e os equipamentos bélicos de última geração.

---

<sup>5</sup> CARVALHO, Fernando Setembrino de, *Relatório apresentado ao general José Caetano de Faria, ministro da guerra, pelo comandante das forças em operações de guerra no Contestado*, Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916.

<sup>6</sup> Sobre o assunto consultar o trabalho de ZILLY, Berthold. Flávio de Barros, o ilustre cronista anônimo da guerra de Canudos: as fotografias que Euclides da Cunha gostaria de ter tirado. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 1998, vol.5, suppl., pp. 316-317. ISSN 0104-5970. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000400018>.



Foto 1 - Componentes da 4ª Companhia de Metralhadoras sob o comando do Capitão Coelho de Souza nas trincheiras da Vila de Canoinhas, SC, destacando-se metralhadoras em primeiro plano (legenda do álbum original). Fonte: Arquivo Histórico do Exército (RJ)

Durante a repressão ao movimento rebelde, o aspecto performático da instrução militar foi tão explorado que Setembrino de Carvalho chegou a convidar o ministro da guerra para presenciar um desfile militar nos recônditos do país.

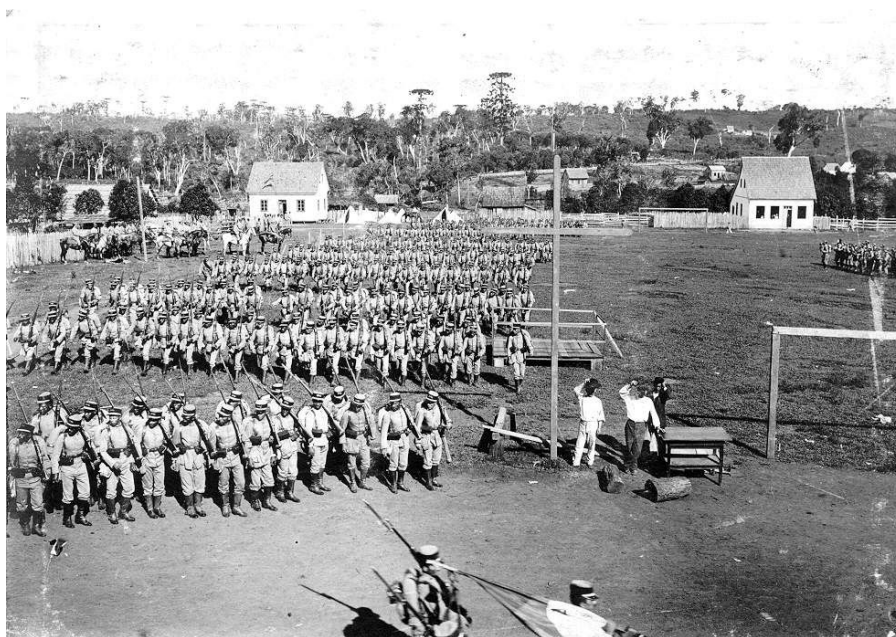


Foto 2 - Revista passada pelo general Setembrino de Carvalho, chefe das tropas governamentais, ao 56º Batalhão de Caçadores sob o comando do Coronel Onofre Ribeiro em Canoinhas, SC (legenda do álbum original) Fonte: Arquivo Histórico do Exército (RJ)

Ao que parece, desde a proposta em se declarar estado de guerra contra os povos do interior do país, o general Setembrino planejava tornar essa operação uma espécie de campanha em prol da modernização do exército.<sup>7</sup> Não interessava tanto se este era o exército realmente existente no país, o importante era fabricá-lo como tal. Para ilustrar vale registrar que alguns equipamentos que ocuparam o primeiro plano no álbum de guerra sequer foram utilizados.

No álbum são poucas as imagens dos rebeldes, assim como da região conflagrada. As fotografias de guerra enviadas à imprensa cumpriam o papel de contra-prova às denúncias de excessos cometidos em campo de batalha, no entanto, as mesmas imagens, agrupadas e incluídas no álbum de guerra ganhavam novo significado. Elas destacavam os aspectos técnicos e logísticos da operação de guerra, função pragmática coerente com os interesses militares. Tendo em vista que esta não era efetivamente a realidade das tropas militares no país, o álbum fixa-se no plano imaginário. Ele fixa a imagem de um exército unificado, bem equipado, disciplinado e moderno.<sup>8</sup>

Outra questão predominante nas imagens presentes no álbum de guerra é o registro de ações e cenas coletivas. Como bem destacado por Ana Mauad ao analisar as fotografias de Canudos,<sup>9</sup> como força hierarquizada e corporativa, o exército não deve ser representado por indivíduos, mas por batalhões, oficiais, pequenas tropas. Somente uma foto registra um oficial individualmente. Ela praticamente abre o álbum. Trata-se da foto do comandante geral das operações militares em primeiro plano, tendo ao fundo

---

<sup>7</sup> Um estudo específico sobre o projeto de modernização do exército pode ser encontrado em José Murilo de Carvalho (2005). Para uma análise da relação da Guerra do Contestado com o projeto de modernização do Exército, consultar a tese de doutorado de Rogério Rosa Rodrigues (2008).

<sup>8</sup> Até o início do século XX, o exército brasileiro era bastante deficiente em termos de profissionalismo e disciplina. Não era por acaso que os oficiais insistiam tanto no plano de modernização militar no país. Até mesmo nas operações realizadas contra os sertanejos do Contestado, os problemas disciplinares e técnicos afloraram. Soldados sem instrução militar e indisciplinados faziam arruaças, frequentemente nos vilarejos em que se fixaram para atuar na repressão ao movimento. Estupros de mulheres, bebedeiras, jogatinas, assassinatos e confronto entre os soldados provenientes de regimentos mais equipados contra aqueles que vinham das regiões mais pobres do país eram problemas que afligiam internamente as tropas. Não havia, nesse momento, um exército nacionalmente profissional. O que se tinha eram tropas de elite, melhor equipadas que outras.

<sup>9</sup> MAUAD, Ana Maria. O olho da história: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos. *Acervo*: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1/2, p. 27, jan. /dez. 1993. Outro trabalho de referência sobre o álbum fotográfico de Canudos é o de ALMEIDA, Cícero Antônio de. *Canudos: imagens da guerra*. Rio de Janeiro: Museu da República/Lacerda Editores, 1997.

as barracas de campanha utilizadas para abrigar os soldados. Quanto aos homens e equipamentos bélicos, geralmente são apresentados em movimento, como a sugerir sua marcha para o *front*. Tais registros, além de destacar aspectos militares, chamam a atenção para a tecnologia fotográfica da época, bem como para o papel do fotógrafo na captação das imagens.

Mesmo sem referência ao nome do fotógrafo foi possível identificar a autoria de parte das imagens incluídas no álbum de operações de guerra. Em sua maioria foram realizadas por um sueco radicado, no Brasil, aos 12 anos de idade, chamado Claro Jansson. Ele vivia na região do Contestado e tinha bons contatos com as populações locais e com os militares. Ficou notabilizado entre os oficiais do Exército ao receber do presidente da república o título de oficial da Guarda Nacional por ter fotografado o corpo de um dos primeiros oficiais militares morto no confronto com os rebeldes após o choque das forças policiais com a comandada por José Maria.<sup>10</sup> Esse episódio ocorrido no vilarejo do Irani, em outubro de 1912, serviu de estopim para o início da guerra.

Apesar dos limites impostos pela tecnologia fotográfica,<sup>11</sup> Jansson conseguiu produzir imagens de excelente qualidade, com isso, soube atender perfeitamente aos interesses do comandante geral, Fernando Setembrino de Carvalho. Ele conferiu naturalidade e movimento às imagens produzidas, em pleno cenário de guerra. Apesar de pousadas para o fotógrafo, suas fotografias parecem registrar cenas de combate, e não montagens preparadas para atender aos propósitos do comandante das operações de guerra.

---

<sup>10</sup> José Maria foi o místico e curandeiro que circulou pela região do Contestado, em 1912. Em torno dele se juntou um grupo de fiéis devotos de João Maria e de São Sebastião que formaria o primeiro núcleo de rebeldes do Contestado.

<sup>11</sup> De acordo com Rafael Ginane Bezerra, o aparelho fotográfico de Claro Jansson era uma *Voigtlander* adquirida de um importador localizado em Buenos Aires. Sobre o assunto ver Bezerra, Rafael Ginane. *Guardados de um artesão de imagens*. Trajetória de Claro Jansson e de suas crônicas visuais durante as primeiras décadas do século XX [Tese de doutorado em Sociologia], Curitiba, PR: UFPR, 2009, p. 86.

### IMAGENS DE DESTRUIÇÃO

Embora em menor número que as fotografias que destacam os aspectos bélico-profissionais do exército, o álbum contém algumas imagens de destruições inerentes a um ambiente de guerra. Trata-se de pontes e linhas férreas destruídas, ruínas da casa de um fazendeiro inimigo dos rebeldes, restabelecimento de linhas telegráficas na região. Em suma, imagens em que o agressor é sempre o sertanejo.



Foto 3 - Aspecto da ponte provisória da Estrada de Ferro de São Francisco, incendiada pelos fanáticos.  
(legenda do álbum original) Fonte: Arquivo Histórico do Exército (RJ)

Essas fotografias vão ao encontro das representações feitas na imprensa sobre os rebeldes: fanáticos, bandoleiros e selvagens. Outro pequeno grupo de imagens de pouca expressividade e esteticamente inferior às demais, é sobre os fiéis que se apresentaram ao Exército. Um dos registros nesse sentido comprova que Jansson acompanhou o destacamento militar comandado pelo coronel Onofre Ribeiro e militarmente denominado como Coluna Leste, ou seja, a coluna que do leste efetuou o cerco aos rebeldes. Em uma delas vemos um grupo de fiéis sentados, tendo ao seu redor oficiais militares, jagunços e fazendeiros da região.





Foto 4 – Grupo de rebeldes do reduto Antônio Tavares aprisionado pela Coluna de Leste, destacando-se a presença de mulheres e crianças. (legenda do álbum original) Fonte: Arquivo Histórico do Exército (RJ)

Essa imagem parece ter sido montada de acordo com uma das cenas mais impactantes da guerra de Canudos, qual seja, a fotografia de Flavio de Barros sobre a rendição dos conselheiristas e intitulada pelo fotógrafo de “400 jagunços prisioneiros”.<sup>12</sup>

Deve-se a Claro Jansson o registro fotográfico mais notável da Guerra do Contestado, tanto pela qualidade estética quanto pela circulação e popularidade atingida pela fotografia. Trata-se da imagem dos jagunços que serviram de força pára-militar durante a guerra do Contestado.

<sup>12</sup> Sobre essa foto consultar ALMEIDA, Cícero Antônio de. *Canudos: imagens da guerra*. Rio de Janeiro: Museu da República/Lacerda Editores, 1997, p. 72 e Zilly, Berthold, op cit.



Foto 5 - Piquete de Vaqueanos em Três Barras, SC. Fonte: Acervo pessoal da família Jansson/Moretti.

A imagem não foi incluída no álbum oficial, uma vez que não condizia com os aspectos ressaltados pelo general, qual seja, a encenação do exército desejado. No entanto, é ela uma das representações mais recorrentes de um dos maiores conflitos sociais ocorridos no interior do país. Essa fotografia aparece estampada em inúmeros materiais didáticos, revistas e sites de divulgação da memória da guerra. Ela demonstra a força do registro fotográfico sobre a memória de um movimento, bem como a trajetória de apropriações realizadas socialmente ao longo da história sobre uma mesma imagem. Isso porque, dado todo o investimento do exército em registrar e divulgar a imagem de uma força moderna ao contratar fotógrafos e fazer circular as fotografias nos principais veículos de informação da época, é no mínimo curioso observar que o registro mais conhecido desse evento tenha sido justamente uma fotografia que sequer consta no álbum militar e que tampouco ganhou, à época, a circulação e popularidade das demais imagens. Seria essa uma vitória da estética sobre a política? Da memória sobre a história oficial? Do registro fotográfico sobre o documento escrito? Qualquer que seja a resposta, uma coisa parece certa: malgrado todo o investimento realizado, ao menos no que diz respeito a memória da guerra, a vitória do exército não prevaleceu.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Cícero Antônio de. *Canudos: imagens da guerra*. Rio de Janeiro: Museu da República/Lacerda Editores, 1997.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de, *História da fotorreportagem no Brasil*, Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BEATTIE, Peter, *Tributo de sangue. Exército, honra, raça e nação no Brasil, 1864-1945*, tradução Fabio Duarte Joly, São Paulo: EDUSP, 2009.
- BEZERRA, Rafael Ginane Bezerra, *Guardados de um artesão de imagens*. Trajetória de Claro Jansson e de suas crônicas visuais durante as primeiras décadas do século XX. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.
- CARVALHO, Fernando Setembrino de, *Relatório apresentado ao general José Caetano de Faria, ministro da guerra, pelo comandante das forças em operações de guerra no Contestado*, Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916.
- CARVALHO, José Murilo de, *Forças Armadas e política no Brasil*, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- D’ALESSIO, Vito (org.), *Claro Jansson: o fotógrafo viajante*, São Paulo: Dialetto Latin American Documentary, 2003.
- LIMA, Antonio Carlos de Souza Lima, *Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- Machado, Paulo Pinheiro, *Lideranças do Contestado*, Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2004.
- MACIEL, Laura Antunes, *A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*, São Paulo: EDUC, 1998.
- MAUAD, Ana Maria. O olho da história: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1/2, p. 27, jan. /dez. 1993.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira, *Os errantes do novo século*, São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- RODRIGUES, Rogério Rosa, *Veredas de um grande sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do exército brasileiro*. 2008. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

ZILLY, Berthold. Flávio de Barros, o ilustre cronista anônimo da guerra de Canudos: as fotografias que Euclides da Cunha gostaria de ter tirado. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 1998, vol.5, suppl., pp. 316-317. ISSN 0104-5970. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000400018>.